

PRISCILA CARDOSO DA SILVA

**O DISCURSO DA SEXUALIDADE NA REVISTA NOVA ESCOLA (2006
a 2010): REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE EDUCADORES**

MARINGÁ/PR

2012

PRISCILA CARDOSO DA SILVA

O DISCURSO DA SEXUALIDADE NA REVISTA NOVA ESCOLA (2006 a 2010): REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial obtenção do grau de pedagoga.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Luzia Marta Bellini

Coordenação: Prof^ª. Msa. Aline Frollini Lunardelli Lara.

MARINGÁ/PR

2012

Priscila Cardoso da Silva

**O DISCURSO DA SEXUALIDADE NA REVISTA NOVA ESCOLA (2000 a 2010):
REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE EDUCADORES**

COMISSÃO JULGADORA

Prof.^a. Dr.^a Luzia Marta Bellini.
(Orientadora-UEM)

Prof.^a. Dr.^a Patrícia dos Santos Lessa
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof.^a. Ms.^a Luciana Grandini Gonçalves Cabreira
(Universidade Estadual de Maringá)

Maringá, 27/11/12.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Vitorino e Neusa, pelo apoio.
Ao meu noivo Valter, pelo companheirismo.
A minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Luzia Marta Bellini,
que me recebeu com todo carinho e dedicação.
Aos meus familiares, pelo carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar comigo em todos os momentos de minha vida.

Aos meus pais Vitorino e Neusa, por serem minha inspiração, minha razão de viver, que sempre me incentivaram e apoiaram minhas decisões.

Ao meu irmão Rodrigo, pelo apoio.

Ao meu noivo Valter, pelo companheirismo, apoio e compreensão.

As minhas queridas amigas Regiane, Andresa, Natália, Cynthia e Cristiane, por estarem comigo há quatro anos nessa caminhada.

A minha querida e estimada orientadora Marta Bellini, pela paciência, honestidade e por acreditar em meu trabalho.

As professoras Luciana Grandini e Eliane Maio, por acreditarem em mim, por me incentivarem nos estudos na área da sexualidade.

Aos membros do grupo NUDISEX (Núcleo de Estudo e Pesquisa em Sexualidade), pela contribuição com a minha formação.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram com a minha pesquisa e formação acadêmica.

”Se não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro.”

D. Pedro II

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
INTRODUÇÃO.....	08
1. SEXUALIDADE: UMA DIMENSÃO ABERTA.....	10
2. A TRAJETÓRIA DA SEXUALIDADE DENTRO DO ESPAÇO ESCOLAR.....	12
2.1. Breve histórico da inserção do tema sexualidade na escola.....	12
2.2. Formação docente: curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.....	13
2.3. Importância da formação docente nos estudos da sexualidade.....	17
3. PESQUISA.....	20
3.1. Metodologia da análise.....	20
3.2. As revistas selecionadas.....	20
3.3. A análise dos textos.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	27
ANEXOS.....	29

RESUMO: Este texto teve como objetivo contribuir com a reflexão sobre a formação de educadores em sexualidade infantil. Mediante uma pesquisa documental, procuramos investigar: qual é o discurso da revista **Nova Escola** sobre sexualidade de crianças e jovens? O tema sexualidade é trabalhado no curso de Pedagogia? O que podemos verificar sobre o tema na graduação? Diante dessas indagações fundamentamo-nos em pesquisas feitas sobre a história social da sexualidade desde o século XX bem como, quando chegou essa proposta de discussão em sala de aula. As reflexões críticas da sexualidade humana, destacando seu debate na escola, são de extrema importância para a educação. Todavia, são recentes, pelo menos no Brasil, assim como suas ações. Nessa perspectiva este trabalho discutiu os estudos sobre sexualidade e apresentou proposições para a formação de educadores sexuais. Consideramos que um dos maiores desafios que atribuem aos pais e educadores é o de promover uma educação sexual que rompa com a ignorância acerca do assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual; História da sexualidade; Revista Nova Escola.

ABSTRACT: This paper aims to contribute to the discussion about the training of educators in child sexuality. *Through documentary research, we investigate: what is the discourse on sexuality magazine **New School** for children and youth? What arrives on the topic in undergraduate pedagogy? Faced with these questions substantiate us in research on the social history of sexuality since the twentieth century and, when this proposal came for discussion in the classroom. The critical reflections of human sexuality, emphasizing its debate in school, are extremely important for education. However, they are recent, at least in Brazil, as well as their actions. From this perspective this paper discussed the studies on sexuality and presented proposals for the formation of sex educators. We believe that one of the biggest challenges that attach to parents and educators is to promote sex education that breaks with the ignorance of the subject.*

KEY-WORDS: Sex Education, History of Sexuality; Magazine New School.

INTRODUÇÃO

Este texto foi constituído como a finalidade de realizar um estudo sobre o discurso da sexualidade infantil na Revista Nova Escola. Para essa tarefa, fundamentamo-nos em pesquisas realizadas sobre a história social da sexualidade desde o século XX indicando como os discursos sobre sexualidade infantil chegaram às salas de aula até os dias atuais.

Por meio desse caminho analisamos a Revista Nova Escola dos anos 2006 a 2010. Ou seja, extraímos dessas revistas os textos sobre educação sexual e sexualidade infantil para compreender como fala a revista da sexualidade das crianças e jovens. Escolhemos essa revista porque ele chega às escolas, as (aos) professoras (es) mensalmente e deve ser uma das revistas mais lidas de divulgação de textos escolares.

A escolha do tema sexualidade tem a ver também com a necessidade de entender como, após décadas de muito obscurantismo, a sexualidade está sendo debatida entre professores.

Da década de 1920 em diante surgiram discussões acerca da temática da sexualidade. A inclusão desta temática no currículo escolar de ensino fundamental e médio se intensificou a partir dos movimentos feministas na década de 1970. Em meados de 1980 aumentou a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas devido ao aumento de gravidez indesejada entre as adolescentes, assim como o risco de infecção por doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS¹.

Posteriormente às décadas de 1970 e 1980, a discussão sobre a sexualidade no ambiente escolar se intensificou com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e tivemos inclusive em seu volume 10, uma parte reservada a Orientação Sexual contida nos Temas Transversais (BRASIL, 1997).

A Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. [...] Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros. [...] O trabalho de Orientação Sexual visa propiciar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa. [...] Propõem-se três eixos fundamentais para nortear a intervenção de professores: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS (BRASIL, 1997. p. 28).

¹AIDS Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, é uma doença do sistema imunológico humano causada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV).

A sexualidade no espaço escola não está presente somente em portas de banheiros, por exemplo, (gênero feminino e gênero masculino), ela está no comportamento dos alunos tanto em salas de aulas quanto no convívio social das mesmas. É muito comum as crianças ficarem instigadas quando a professora da turma está grávida, surgem às perguntas do tipo “De onde vêm os bebês?” “Como ele foi para ai na sua barriga?” São perguntas comuns e inevitáveis.

Segundo Braga (2012, p.211):

As manifestações sexuais que aparecem na escola demonstram, a cada momento, as dificuldades que as instituições educativas apresentam quando tratam da temática da sexualidade em seu cotidiano. Uma proposta de orientação sexual adequada, consistente e emancipadora poderia contribuir para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento na área da sexualidade.

As professoras, por sua vez, procuram desenvolver trabalhos tomando como referências revistas de divulgação científica como a Revista Nova Escola uma vez que em sua formação docente não aprofundam os conhecimentos sobre sexualidade dado que o currículo ainda não detém esses saberes. Nesse sentido, com este texto, buscamos contribuir para os estudos acerca da sexualidade já realizados por outros autores, bem como analisar como é veiculado o tema em revistas como a Nova Escola.

O trabalho está dividido em três seções. Trataremos na primeira seção, de forma breve sobre a origem do termo sexualidade, tendo em vista os estudos na área da ciência.

Na segunda seção, trataremos sobre a inserção do tema sexualidade nas escolas. Ressaltaremos também a formação docente tendo como base o curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, dando destaque para a importância da formação docente nos estudos da sexualidade.

Na terceira seção, trataremos da metodologia da análise, abordaremos a pesquisa realizada com a revista Nova Escola. Destacaremos as reportagens acerca da sexualidade presente na revista, dando continuidade com uma análise dos textos.

Nesse sentido os estudos sobre a sexualidade é de diversos autores como Foucault, Figueiró, Ussel, a ferramenta principal para a análise aqui proposta. É nessa perspectiva que este artigo pretende trabalhar. Isto é, tomar os estudos sobre sexualidade justamente pela necessidade de contribuir com as investigações da área e, ao mesmo tempo, pensar proposições para a formação de educadores sexuais.

1. SEXUALIDADE: UMA DIMENSÃO ABERTA

Para compreendermos a sexualidade bem como o discurso acerca da sexualidade, faz-se necessário voltarmos nossa atenção para o “surgimento” do termo. Ussel (1980) nos diz que o conceito de sexualidade é pouco definido, e que o termo passou a ser usado somente no século XIX nas sociedades industriais.

É provável que o conceito *sexualidade* tenha aparecido no século XIX, quando se reuniram num todo os componentes sexuais de numerosos comportamentos, porque o caráter sexual é só um aspecto fragmentário do comportamento (USSEL, 1918, p. 23).

O autor ainda afirma que a terminologia sexualidade, mesmo tão presente em nosso cotidiano que não nos atentamos em sua reflexão. O pensamento que temos acerca do sexual, é o conceito social, impregnando pela sociedade, os conteúdos e os afetos variam, diferenciando de tempos em tempos, bem como de cultura em cultura. O pensamento da sexualidade é transitório, não permanece se modifica com o passar do tempo e da sociedade a que se insere. Inúmeros são os fatores que estão ligados a sexualidade como:

[...] o amor, o erotismo, a sensualidade, o prazer, o vestuário, a nudez, o pudor, a tradição e a moralidade; o casamento, a família, a união livre, o casamento de ensaio, a concubinação e as outras formas de relações sexuais extraconjugais; os beijos e as carícias, a pornografia e a censura; o papel dos sexos e a emancipação da mulher; a homossexualidade, a contracepção; a criança abandonada, o filho natural e o infanticídio; a puberdade o ensino e a informação mistos (USSEL, 1980, p. 27).

Para um pensador do porte de Michel Foucault a sexualidade é:

[...] o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p.100).

Desta forma podemos dizer que a sexualidade está ligada diretamente a nossa vida cotidiana, os nossos atos, a nossa postura, a criação de princípios e valores transmitidos por nossos pais, influenciam diretamente em nossa compreensão acerca da sexualidade. A sexualidade não se refere somente ao ato sexual, mais também a atitudes, comportamentos sociais. Podemos assim dizer que o ser humano é um ser sexualizado pela sociedade em que

se insere. O termo sexualidade é uma dimensão humana que ultrapassa a sexualidade biológica, pois também é determinada pela cultura de determinados grupos sociais (FIGUEIRÓ, 2006).

No campo da ciência, a sexualidade ainda é um estudo recente, poucos são os pesquisadores na área, pouco se fala sobre a sexualidade, uma vez que a mesma é tratada socialmente de uma forma repressiva devido ao seu passado histórico.

Durante muito tempo a sexualidade era um assunto pelo qual pouco se comentava pela sociedade, pouco se sabia a respeito. O prazer sexual era algo de “direito” digamos assim somente dos homens. As mulheres eram tidas como objetos sexuais, as mesmas tinham que atender as necessidades masculinas sem sentirem prazer, sem saciar as suas necessidades sexuais, estava apenas para “servir”.

Em outras palavras Ussel (1980), nos diz que o correto a se dizer é que os atos sexuais estavam ligados a questões de poder de cada individuo em particular, ou seja, o poder aquisitivo de um homem dava-lhe o direito de usufruir de uma mulher da maneira que este bem entendia.

Um cavalheiro da Idade Média seria ridicularizado se não tivesse violado uma jovem que lhe agradasse, ao encontrá-la só, fosse onde fosse. Muito depois da Idade Média, os senhores achavam normal exercer o direito de possuir as filhas dos camponeses. Isto, porém, só era permitido às pessoas de classe social elevada. Também era limitada a liberdade do cavaleiro que julgava poder fazer o que quisesse com uma jovem indefesa: um senhor mais poderoso tinha o direito de impedi-lo ou “castigá-lo”. A aquisição de qualquer coisa pela força lhe era, igualmente limitada (USSEL, 1980, p.90).

A sexualidade emergiu no campo da ciência no século XX com Sigmund Freud e Havelock Ellis. John H. Gagnon em seu livro “Uma interpretação do desejo: Ensaio sobre a sexualidade” relata que, os primeiros pesquisadores da sexualidade, puseram-na no centro do desenvolvimento humano. As pesquisas desenvolvidas pelos estudiosos da área têm desempenhado um importante papel no que diz respeito às práticas sexuais e o esclarecimento no dito certo ou errado da sexualidade dentro da sociedade. Afirma que, “Poucas são as áreas de pesquisa em que os investigadores exercem um papel tão importante no debate sobre o sentido e a significação do comportamento estudado por eles” (GAGNON, 2006, p.66).

Gagnon assim como Foucault, Kelsey, Ussel, Guacira, Figueiró dentre outros importantes estudiosos, nos auxiliaram na reflexão do pensamento sexual da sociedade antiga até os dias atuais. Esses pensadores contribuem de forma intensiva para o pensamento de nossas práticas sociais e pedagógicas.

2. A TRAJETÓRIA DA SEXUALIDADE DENTRO DO ESPAÇO ESCOLAR

*Não sei como preparar o educador.
Talvez que isso não seja necessário e nem possível (...)
É necessário acordá-lo.
E, para acordá-lo, uma experiência de amor é necessária.
Rubem Alves, 1983.*

Nesta seção apresentaremos como o tema sexualidade foi, historicamente, inserido na escola e quais estudos debatem esta chegada à escola.

2.1. Breve histórico da inserção do tema sexualidade na escola.

A partir da década de 1920 surgiram discussões acerca da temática da sexualidade nos Estados Unidos. O interesse pelo tema chegou ao conhecimento social e aos meios de divulgação da época, em revistas e jornais, e no cinema. Nesses veículos a imagem da sexualidade das universidades foram associadas às questões da imoralidade. “O cinema mudo testou os limites da moral da comunidade com o nudismo” (GAGNON, 2006, p.79), nas revistas tanto as mais elitizadas quanto as mais populares eram expostas imagens de mulheres nuas e seminuas. Nesse período também surgiu interesse pela educação sexual.

Foi durante os anos de 20 que a pesquisa sobre a conduta sexual começou para valer nos Estados Unidos. Em parte sob a influência de Freud e de variações da doutrina psicanalítica, mas em relação mais direta com a tradição de aprimoramento social do movimento reformista dos Estados Unidos, foram concluídos três estudos sobre a conduta sexual de pessoas que tinham uma vida sexual relativamente convencional (GAGNON, 2006, p.80).

Neste mesmo período a sociedade promulgava as “falsas” informações sobre a sexualidade. Uma simples masturbação masculina era considerada pecado, fraqueza pessoal; o homossexualismo era condenado pela sociedade, os homossexuais eram considerados criminosos e pervertidos, o contato da boca com órgãos genitais era crime e trazia consigo a imagem de contaminação.

Na década de 1970, no Brasil, incluiu-se a temática sexualidade no currículo escolar de ensino fundamental e médio, que se intensificou a partir dos Movimentos Feministas, e ganhou força em meados da década de 1980. Segundo Brasil (1997) devido ao aumento da demanda de trabalhos na área da sexualidade nas escolas em decorrência ao aumento de

gravidez indesejada entre as adolescentes, assim como o risco de infecção de doenças sexualmente transmissíveis.

Nas décadas seguintes após esses debates, a discussão sobre a sexualidade no ambiente escolar se intensificou com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) em 1996, com destaque ao em seu volume 10, reservado à Orientação Sexual contida nos Temas Transversais (BRASIL, 1997).

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. [...] Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura (BRASIL, 1997, pp. 292 e 293).

Podemos assim verificar que com a elaboração dos PCN's - ressaltando a sexualidade como tema transversal - a escola deve ter uma visão parcial das experiências dos alunos de uma forma geral, a mesma deve buscar o desenvolvimento prazeroso do conhecimento, e para isso é fundamental que as escolas percebam que tem um papel fundamental na educação para uma sexualidade ligada a vida, englobando questões do desenvolvimento humano.

Todavia, mesmo depois da elaboração dos PCN's, ainda percebe-se um problema em sala de aula, refletindo na falta de profissionais especializados na área da educação sexual.

No item a seguir, traremos o exemplo do currículo do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, para fazermos uma breve análise no déficit de formação de profissionais aptos para lidar com questões relacionadas à sexualidade.

2.2. Formação docente: Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá

Tomamos como base o curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, no qual estamos inseridas como docente e como discente. Após compreendermos a importância do estudo da sexualidade no espaço educativo, deparamo-nos com o mesmo problema por diversas vezes. Este problema reflete-se em sala de aula onde há uma ausência na formação de profissionais para trabalhar e tratar o tema de forma crítica encarando-o como natural e não moralista.

Percebemos, assim, a necessidade de espaços direcionados para a discussão sobre a sexualidade e para a formação de professores comprometidos com a educação sexual.

Quando observamos o quadro das disciplinas direcionadas aos estudantes de pedagogia do 1º ao 4º ano de graduação da grade curricular do ano de 2009 vemos que há lacunas para a formação em educação sexual. Vejamos esse quadro geral em que apenas duas disciplinas se destacam no campo do debate sexual, uma de psicologia no 1º ano e uma de diversidade cultural, no 4º ano.

1º ano da graduação

Currículo como Espaço de Construção de Identidades
Didática: trabalho Docente e Saberes Escolares
Filosofia da Educação Na Antiguidade
Filosofia da Educação Medieval
Formação Docente: Prática Escolar de Arte Na Escola
Historia da Educação e da Pedagogia
Historia das Instituições Educacionais
Iniciação a Ciência e a Pesquisa
Ling. Identidade e Formação de Professores
Literatura Infantil Na Escola
Metodologia da Pesquisa Em Educação
Psicologia da Educação: Aspectos Neuropsicológicos e Afetivos
Políticas Públicas e Gestão Educacional: identidade do Pedagogo
Políticas Públicas e Gestão Educacional: processos Escolares e Não Escolares.
Psicologia da Educação: abordagem Comportamental e Humanista
Psicologia da Educação e Identidade do Pedagogo

2º ano da graduação

Alf. : hist. , Políticas e Função Social
Conc. ,p. e Lim. das Teorias Curriculares.
Estágio Curricular Supervisionado de Educação Infantil I
Estágio Curricular Supervisionado de Identidade do Pedagogo
Estágio Curricular Supervisionado de Educação Infantil II
Filosofia da Educ. Na Modernidade
Filosofia da Educação Contemporânea
Formação e Ação Docente: prática de Ensino em Educação Infantil II

Formação e Ação Docente: praticas do Ensino e Identidade Profissional
Formação e Ação Docente: praticas de Ensino em Educação Infantil I
Fundamentos Filosóficos da Educação Infantil
História da Educação do Brasil: colônia
História da Educação do Brasil: império
Historia da Infância No Brasil
Introdução a Educação e Comunicação
Metodologia do Ensino de Geografia – 1ª a 4ª Série do Ensino Fundamental I
Métodos Científicos e Educação
O Pedagogo Na Educação Básica
Políticas, Gestão e Diversidade
Psicologia da Educação: Epistemologia Genética
Psicologia da Educação: abordagem. Histórico- cultural
Psicologia da Educação: tem. da Vida Contemporânea
Teorias Pedagógicas e Didática

3º ano da graduação

Educação, Mídia e Arte
Estágio Curricular Supervisionado de Ensino Médio - modalidade Normal
Estagio Curricular Supervisionado de Gestão I
Formação e Ação Docente: práticas de Ensino Médio - modalidade Normal
História da Educação do Brasil: república
Historia da Educação Publica
Metodologia de Planejamento de Projeto de Pesquisa em Educação
Metodologia do Ensino de Ciências 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental I
Metodologia do Ensino de Ciências 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental II
Metodologia do Ensino de Matemática 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental I
Metodologia do Ensino de Geografia 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental II
Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental
Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação
O Pedagogo e a Orientação Profissional

Pol. , Plan. e Gestão Educacional no Brasil
Políticas Publicas e Gestão da Educação Brasileira
Práticas de Gestão: planejamento e Avaliação Escolar
Problemas Escolares e D. E. de A. : C. Histórica
Problemas Escolares e D. E. de A. :l. ,e. ,m. e C. Nota
Sociologia da Educação e Transformação Social

4º ano da graduação

Educação e Informática
Formação e Ação Docente: Pratica de Ensino das Séries Iniciais do Ensino Fundamental I
Alfabetização, Letramento e Escolarização
Políticas Publicas e Gestão Educacional: Docência E Diversidade Cultural
Metodologia do Ensino de Matemática 1ª a 4ª Série do Ensino Fundamental II
Projetos de Alfabetização e Letramento
Planejamento da Pratica Docente
Metodologia E Pratica do Ensino de História nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental
Estagio Curricular Supervisionado de Ensino Fundamental I
Trabalho de Conclusão de Curso
Educação e Novas Tecnologias
Formação Docente: Praticas do Ensino de História nas Séries Inicias do Ensino Fundamental
Formação e Ação Docente: Pratica de Ensino das Séries Inicias do Ensino Fundamental II
Sociologia da Educação: Pensamento Clássico
História do Pensamento Educacional
Pratica de Gestão: Organizações dos Trabalhos Pedagógicos
Organização da Gestão Escolar
Projeto Político - Pedagógico da Escola
Necessidades Educacionais Especiais
Estagio Curricular Supervisionado De Ensino Fund.II
Estagio Curricular Supervisionado De Gestão II

Voltemos nossa atenção para as duas disciplinas em destaque: **Psicologia da Educação: Aspectos Neuropsicológicos e Afetivos e Políticas Publicas e Gestão Educacional: Docência e Diversidade Cultural**. Percebemos que no total de oitenta

disciplinas, somente duas abordaram de forma breve o tema sexualidade, uma no primeiro ano de graduação e outra no quarto ano da graduação.

Podemos assim dizer que, no curso de Pedagogia da Universidade em questão, existem as disciplinas que lidam com as fases do desenvolvimento da criança, que incluem a sexualidade, há também a disciplina bem como disciplinas que lidam com a diversidade cultural incluindo-se, portanto a diversidade sexual, a disciplina trata de forma breve o parâmetro curricular nacional, na qual é discutida a importância de se trabalhar a sexualidade no espaço educativo, porém constatamos que é uma abordagem ainda incipiente.

Desta forma, consideramos necessária uma formação adequada, contínua e direcionada às questões de sexualidade, que resultem de forma significativa na ampliação dos saberes dos educadores preparando-os para que possam lidar com as dimensões da sexualidade que envolve os alunos.

2.3. Importância da formação docente nos estudos da sexualidade

Efetivamente, a principal tarefa da Educação Sexual é substituir a monótona atitude de curiosidade pelas coisas do sexo por uma atitude nova, de respeito e inteligência.

Naumi A. de Vasconcelos

Conforme vemos o currículo do curso de Pedagogia vigente em 2009, podemos constatar que as disciplinas que abordam o assunto sexualidade são muito fragmentadas, uma vez que não possibilitam um estudo pleno sobre a sexualidade no espaço escolar.

Figueiró (2006), umas das grandes estudiosas sobre a formação de educadores sexuais, afirma-nos a necessidade de uma formação para a Educação Sexual, uma vez que muitas das instituições de ensino superior não capacitam os profissionais da área. A autora ressalta também que é necessário compreender o que os professores já sabem sobre sexualidade antes de introduzir as discussões sobre a temática.

Um importante avanço para o estudo da sexualidade nas escolas veio dos PCNs. Nos PCN's em seu volume 10 sobre "Orientação Sexual", nos é afirmado a necessidade da formação de educadores sexuais nas escolas com capacitação para trabalharem o tema:

O professor transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não as questões mais simples trazidas pelos alunos. É necessário então que o educador tenha acesso a formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola,

possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho na educação sexual (BRASIL, 2000, p.123)

Essa posição dos PCNs podemos ler em Braga (2012, p.211):

As manifestações sexuais que aparecem na escola demonstram, a cada momento, as dificuldades que as instituições educativas apresentam quando tratam da temática da sexualidade em seu cotidiano. Uma proposta de orientação sexual adequada, consistente e emancipadora poderia contribuir para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento na área da sexualidade

Nessa direção, podemos assim afirmar a necessidade de uma formação não só dos professores de sala de aula como também de todo o corpo docente de uma instituição, para a garantia de uma transmissão informativa e ao mesmo tempo formativa.

Para Figueiró (2006), o tema sexualidade ao ser trabalhado na escola deve envolver questões pessoais e coletivas, uma vez que é dessa forma que o indivíduo passa a se reconhecer, bem como criar sua identidade sexual. A autora diz que:

Se pensarmos que a finalidade maior da educação sexual é contribuir para que o educando possa viver bem sua sexualidade, de forma saudável e feliz, e, ao mesmo tempo, contribuir para que ele esteja apto a participar da transformação social, em todas as questões ligadas direta ou indiretamente a sexualidade, podemos concluir que o professor que ensina sobre sexualidade, de forma humanizadora, está sendo um mediador de esperanças e de projetos de vida (FIGUEIRÓ, 2006, p.17).

Nessa perspectiva, a educação sexual na escola não se limita a prevenção de uma gravidez precoce e indesejada ou de doenças sexualmente transmissíveis como a AIDIS. Ela vai muito além, a educação sexual contribui com o desenvolvimento da personalidade, bem como garante uma melhor qualidade de vida para o aluno, uma vida saudável.

As (os) professoras devem estar preparadas para lidarem com diversas situações e trazer para a aula assuntos pertinentes do cotidiano da escola. Nos dias atuais temos a mídia que faz o papel de “educadora”, são muitas as informações que as crianças recebem por diversos meios de comunicação, assim como os pais devem auxiliar a compreensão de tantas informações o professor também deve mediar, responder os questionamentos das crianças e

jovens, não com a intenção de construir tabus mais sim de transmitir informações visando à formação do indivíduo.

Para que essas conversas sejam até mesmo pensáveis em relação à educação, é preciso que as educadoras e os educadores se tornem curiosos sobre suas próprias conceptualizações sobre o sexo, e ao fazê-lo, se tornem abertos também para as explorações e as curiosidades de outros relativamente à liberdade do "domínio imaginário" (BRITZMAN,2000, p.80).

Como falar sobre sexualidade se a (o) professora educadora não tem o conhecimento necessário? Não é possível transmitir de forma eficaz aquilo que o educado não tem o conhecimento, a prática fica vazia, o conhecimento com lacunas. Por isso, faz-se necessário suprir essa dimensão do conhecimento. Devem-se criar possibilidades para que o professor possa conhecer um pouco mais sobre a sexualidade bem como a sua própria sexualidade para que a si mesmo possa trabalhar a mesma sem preconceito, sem tabus.

Na Universidade Estadual de Maringá existem dois grupos de estudos sobre a sexualidade que auxiliam professores de diversas áreas do conhecimento, como a Biologia, Educação Física, Psicologia, Pedagogia, Direito, dentre outros cursos. Nota-se que ainda temos um número reduzido de profissionais da área da educação preocupados com o déficit da formação nos cursos de graduação.

Temos notado também, que de forma ainda que lenta, tem havido investimentos na formação de professores, cursos sobre a sexualidade no espaço escolar tem sido oferecido para os profissionais da educação.

Muitos ainda se perguntam, para que trabalhar a sexualidade dentro do espaço escolar? Esse não seria um papel da família? Figueiró (2006) apresenta uma brilhante explicação:

[...] o significado do ensino da sexualidade está em formarmos jovens e adultos com conhecimento seguro de si mesmo e das questões da sexualidade, para que possam viver de maneira feliz, segura e responsável a sua sexualidade. Além disso, queremos cidadãos críticos e amadurecidos, participantes da transformação dos valores e das normas sociais ligadas às questões sexuais, incluindo-se, nesse conjunto, a transformação das relações de gênero, a fim de assegurar a igualdade e o respeito mútuo. É possível concluir, então, que um dos fatores que podem contribuir para a viabilidade dos temas transversais seja o fortalecimento, entre os professores, do significado e do sentido de cada um dos temas pertinentes à sexualidade e passíveis de serem trabalhados em sala de aula (2006, p.67).

Nessa perspectiva de Figueiró abrimos horizontes para a educação sexual emancipadora da dimensão sexual.

3. A PESQUISA

Nesta seção apresentamos os procedimentos metodológicos para a análise dos conteúdos argumentativos da Revista Nova Escola sobre sexualidade na escola.

3.1. Metodologia da análise

O presente trabalho constitui-se de uma análise dos argumentos presentes nas reportagens da Revista **Nova Escola**, no período de 2006 a 2010. Esta análise enfoca o discurso acerca da sexualidade, uma vez que, a revista é direcionada principalmente entre os professores.

O objetivo foi compreender o teor informativo que as revistas apresentam sobre o estudo da sexualidade frente a formação de professores, bem como a importância para a sua capacitação.

Ressaltamos que há uma necessidade na formação de professores na área de educação sexual, porém percebe-se que essa preocupação ainda é recente

3.2 As revistas selecionadas

Selecionamos a Revista **Nova Escola** de 2006 a 2010. Em cada ano encontramos 10 revistas, uma vez que a revista segue o calendário escolar, ou seja, os exemplares são publicados mensalmente exceto nos meses de janeiro/fevereiro e junho/julho em que encontramos um único exemplar.

As revistas selecionadas foram encontradas nas bibliotecas e escolas municipais da cidade de Maringá. É importante dizer que não foi uma tarefa fácil encontrar as revistas nas escolas. Fomos a todas as bibliotecas municipais de Maringá, que são 5 na cidade. Fomos, também, a duas escolas municipais. Mas, somente encontramos dois exemplares com tema sobre a sexualidade na biblioteca do Parque das Palmeiras. Os exemplares antigos da revista tinham sido incinerados em 2012 quando a biblioteca mudou de lugar.

Selecionamos quatro anos das edições da revista (2006 a 2010), totalizando 40 exemplares aos quais fizemos nossas análises. Acreditamos que quatro anos foi um período razoável para compreendermos o que os meios de divulgação - no caso a revista - direcionados a professores, educadores e demais envolvidos no campo da educação escolar,

transmitem aos professores. No caso da revista analisada ela é uma base para as (o) professoras e suas práticas em sala de aula e fora delas.

Após analisarmos os quarenta exemplares, percebemos que o tema sexualidade não aparece em todos os números do ano. Para evidenciar o número de textos sobre sexualidade da revista apresentamos a tabela a seguir. Somente em 2006 e 2008 é que o tema sexualidade foi capa da revista como mostramos:

ANO/MÊS	EXEMPLAR
2006	
2008	

As capas das revistas são atrativas porque se referem ao comportamento de crianças e sua sexualidade. Trazem imagens de crianças, na edição de abril do ano de 2006, traz um menino entre um e dois anos olhando para o seu órgão genital, e na edição de agosto do ano

de 2008, uma menina aproximadamente da mesma idade, olhando para o órgão genital de uma boneca (sexo masculino). Os títulos também são atrativos.

Ao analisarmos as revistas percebemos que na imagem do menino, ele olha o próprio corpo já na imagem da menina, vemos que ela olha a boneca. Ou seja, o menino descobre o corpo olhando para o seu próprio corpo, a menina descobre o corpo da boneca.

No exemplar de 2006, há textos da página 22 a 29, de Paola Gentile, com o título: Eles querem falar de sexo. Trata de assuntos como a homossexualidade, do conhecimento do próprio corpo, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS, como buscar informações com os adultos, a importância da inclusão, dentre outros.

No exemplar de 2008, há textos nas páginas 34 e 36 com um breve texto sobre Freud sobre Repressão Sexual, de Márcio Ferrari, e a reportagem da capa de Ana Rita Martins, páginas 38 à 46, com o título: O assunto é sexo. E é sério. Trata de como os pais e professores reagem com a transmissão da curiosidade posta por filhos e alunos sobre o sexo.

3.3. A análise dos textos

MÊS/ ANO	PÁGINA(S)	TEXTO (TÍTULO DA REPORTAGEM)
Abril, 2006	22 a 29	<i>Eles querem falar de sexo.</i> Paola Gentile
Agosto, 2008	34 e 36	<i>O explorador da mente.</i> Márcio Ferrari
Agosto, 2008	38 a 46	<i>O assunto é sexo. E é sério.</i> Ana Rita Martins

Na revista de abril de 2006 o texto é bastante chamativo. Inicia com uma pergunta feita por uma aluna de oito anos para a orientadora educacional Dilma Lucy de Freitas durante uma aula para a 3ª série de uma escola privada de Florianópolis: “Professora, por que a minha xereca pisca quando vejo um homem e uma mulher se beijando na televisão?” A autora da reportagem nos relata que se a professora mostrasse espanto com a situação, as crianças poderiam pensar que sentir “essa coisa” poderia ser anormal, caso a professora fingisse não ter ouvido a pergunta as crianças poderiam deduzir que não se deve falar sobre o assunto. Porém, a professora Dilma explicou para as crianças que o nosso corpo recebe vários

estímulos; ela associou esses estímulos aos cheiros que sentimos de alimentos, o corpo reage querendo ingeri-los, quando sentimos um vento frio, o corpo reage com arrepios, assim também acontece quando vemos algumas imagens (um casal se beijando) os nossos órgãos sexuais são estimulados e por isso a vagina se contrai.

Paola Gentile relata que desde bebês nós sentimos a necessidade de descobrirmos nosso próprio corpo bem como as sensações que ele pode nos proporcionar. O sexo faz parte da vida das pessoas, sendo assim a escola e a família deve ajudar a construir uma visão sem mitos e sem preconceitos.

Muitas vezes o constrangimento tanto das mães quanto dos pais ao lidarem com a sexualidade dos filhos faz com que as crianças e jovens fiquem sem informações e torna assim a escola um espaço principal para a educação sexual.

A autora da dica para mães, pais e professores de como evitar o preconceito quanto a sexualidade, quanto a opção sexual do outro, é necessário respeitar as diferenças particulares de cada um.

No decorrer da reportagem a autora relata diversas situações como a masturbação, a descoberta do corpo erótico, descobrir o próprio corpo e como ele pode proporcionar prazer faz parte do nosso desenvolvimento do desenvolvimento da criança, a autora diz que ao perceber a sensação gostosa que o toque provoca a criança vai querer repetir o ato.

A autora ainda relata a importância dos professores na educação sexual quanto à prevenção da gravidez indesejada e as doenças sexualmente transmissíveis há relatos de professores que levam para as suas aulas diversos métodos contraceptivos como pílulas, camisinhas masculinas e femininas, DIU, dentre outros. Em sua reportagem a autora traz a interessante exposição sobre a importância da inclusão, “pessoas com deficiências físicas, mentais ou sensoriais manifestam sua sexualidade tanto quanto os demais”.

Já a revista de 2008, a primeira reportagem que temos é a de Ferrari sobre Sigmund Freud. O autor traz o impacto causado pela psicanálise em diversas áreas inclusive na área da educação. “As maiores contribuições de Freud nessa área estão no conhecimento do desenvolvimento sexual da criança e no papel da linguagem”. O autor aborda a repressão sexual, ele faz um breve relato dos estudos desenvolvidos por Freud pela psicanálise, concluindo que os conflitos da mente tinham origem na sexualidade.

Na segunda reportagem de Ana Rita Martins com o tema: O assunto é sexo. E é sério, a autora inicia seu texto com um relato ao qual diz o seguinte “Uma menina de 9 anos de idade chegou em casa e contou à mãe que um colega tinha tentado enfiar um lápis em sua

‘perereca’. A mãe, assustada, foi a escola e denunciou a ‘tentativa de estupro’”. A reportagem segue relatando qual a importância dos pais professores diante dessa situação, as crianças tem essas atitudes muitas vezes por curiosidade, porém devem aprender a respeitar o próprio corpo e o corpo do colega, os pais e professores devem estar preparados para saberem o que fazer nessa situação.

A autora relata que querer ver, tocar os órgãos sexuais, são atitudes que ocorrem com frequência nas salas de aula, até na presença de professores, que muitas vezes ignoram esse comportamento (por não ter informações suficientes para lidar com a situação ou mesmo não se sentirem à vontade para conversar com a criança sobre o assunto). Isso resulta em omissão por parte das crianças de se conversar com os adultos sobre o tema sexualidade, fazendo com que troquem informações entre os colegas, resultando em comentários equivocados. Martins (2008) no decorrer da reportagem nos diz que:

“Organizar palestras isoladas não surte efeito. O que funciona mesmo é trabalhar os assuntos sem medo nem preconceito – afinal, algumas das questões precisam ser retomadas, com diferentes graus de aprofundamento conforme mudam as dúvidas e o nível de compreensão dos estudantes” (p.45).

A obstetra Maria Helena Vilela diz que “Nessa área (educação sexual), educar não é passar opiniões nem valores para os alunos, mas discutir a realidade para que cada um possa escolher seu caminho de forma responsável e consciente”. A postura do professor interfere na conduta do aluno.

Martins ressalta que como o tema é delicado e ainda existem tabus a serem vencidos, é essencial a parceria entre os pais e a escola. A escola consegue mostrar a importância da “Orientação Sexual” para um desenvolvimento saudável. Porém surgiram os pais que são contra, por acharem que ao trabalhar a sexualidade dentro da escola possa adiantar o início da vida sexual e que o tema não é do âmbito escolar. Ai cabe a escola esclarecer sobre as manifestações mais comuns de cada faixa etária e mostrar para os pais a ações previstas no projeto institucional. Convidar os pais para participarem de palestras com especialistas a fim de esclarecer duvidas e destacar a importância de se trabalhar a sexualidade dentro do espaço escolar seria uma possibilidade de reverter o preconceito e quebrar os tabus.

Nas três reportagens encontradas entre os anos de 2006 a 2010, percebemos que o discurso sobre sexualidade ainda é incipiente, ou seja, as reportagens são interessantes, porém não são aprofundadas como deveriam ser. São pouco densas, são mais informativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a elaboração do texto e de termos finalizado as análises da Revista Nova Escola, concluímos que mesmo temos bases legais que asseguram o trabalho de educação sexual dentro do espaço escolar (PCN's), ainda nos falta à formação de professores na área da educação sexual.

Observamos que nas reportagens que tratam da sexualidade presentes nas revistas analisadas, há certa preocupação no que diz respeito ao caráter preventivo e biológico da sexualidade, porém pouco se fala no sentido formativo do aluno.

É possível notar que no curso de Pedagogia, as disciplinas que abordam o tema sexualidade não suprem as necessidades para a formação acadêmica. É evidente notarmos a dificuldade dos professores nos seus trabalhos cotidianos em sala de aula. Nos estágios que realizamos tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental, as (os) professoras (es) se sentem inseguras para trabalharem a sexualidade. O ideal seria termos na graduação uma disciplina destinada para os estudos de gênero e diversidade sexual.

Constatamos que a sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldades e desafios para o professor no seu trabalho diário, devido à manifestação da sexualidade dos alunos no espaço escolar (FIGUEIRÓ, 2006). Dessa forma, consideramos que esse desafio diário, tem “cobrado” uma nova postura do professor educador.

A necessidade de uma formação em educação sexual vem sendo significativa. Cursos, palestras na área da educação sexual, grupos de estudos sobre sexualidade e diversidade sexual tem sido oferecido a (ao) professoras (es), educadoras (es), acadêmicas (os) bem como demais interessados na área da sexualidade, reforçando assim a necessidade de se investir na formação sexual das (os) professoras (es).

O discurso sobre a sexualidade que passa pela revista Nova Escola nos anos analisados ainda é incipiente, com matérias interessantes, mas com pouca densidade, profundidade que o tema merece.

Como vemos em termos de quantidade de textos não há muitos. Ainda a sexualidade é um tema pouco abordado em revistas como a Nova Escola. Em termos de textos consideramos que são importantes porque trabalham com argumentos mais explicativos do que prescritivos do tipo faça isso, vejam aquilo. São textos problematizadores. Porém, são

pouco densos. Trazem exemplos que podem ser vistos todos os dias em escolas, mas são pouco explorados pela revista.

Desta forma, destacamos a importância de se ter uma formação em educação sexual dentro do espaço escolar, para melhor compreendermos o processo histórico da sexualidade. Somente assim poderemos ampliar os estudos nas instituições de Ensino Superior, e conseqüentemente, proporcionar espaços para que possamos discutir sobre a temática sexualidade dentro e fora do espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Coletânea de normas técnicas:** elaboração de TCC, dissertação e teses. Rio de Janeiro: 2012.

_____. **NBR 6023:** informação e documentação: referência: elaboração. Rio de Janeiro: 2002.

_____. **NBR 6027:** informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028:** informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRAGA, E. R. M. **Gênero, Sexualidade e Educação:** questões pertinentes à Pedagogia. In:_____ Educação e diversidade cultural / Elma Júlia Gonçalves de Carvalho, Rosângela Célia Faustino (organizadoras). 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.

_____. **Sexualidade infantil:** uma investigação acerca da concepção das educadoras de uma creche universitária sobre educação sexual. 2002. 195 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP, Assis, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.** Brasília, DF, 1997.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, Sexualidade e Currículo. In:_____ O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Guacira Lopes Louro. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FERRARI, Márcio. O explorador da mente. **Revista Nova Escola.** São Paulo: Agosto, 2008. p.34;36.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual:** Retomando uma proposta um desafio. 2. ed. Londrina-PR: UEL, 2001.

_____. **Formação de Educadores Sexuais:** Adiar não é mais possível. Londrina-PR: Eduel, 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1:** a vontade de saber. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade 2:** o uso dos prazeres. 1. ed. Rio de JANEIRO: Graal, 1984.

GAGNON, John H. **Uma Interpretação do desejo:** Ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GENTILE, Paola. Eles querem falar de sexo. **Revista Nova Escola.** São Paulo: Abril, 2006. p.22-29.

KILANDER, Holger Frederick. **Educação sexual nas escolas:** preparar a vida familiar. São Paulo: Paulinas, 1983.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado:** Pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINS, Ana Rita. O assunto é sexo. E é sério. **Revista Nova Escola.** São Paulo: Agosto, 2008. p.38-46.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TOLEDO, Cézar de Alencar Arnaut de; GONZAGA, Maria Teresa Claro (Orgs.). **Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de Ciências Humanas.** Maringá: EDUEM, 2011.

USSEL, Jos Van. **Repressão Sexual.** Tradução [de] Sonia Alberti; revisão técnica [de] Jane Russo; prefácio [de] Jurandir Freire Costa. Rio de Janeiro: Campus Ltda, 1980.

ANEXOS

REVISTAS REFERENTES AO ANO DE 2006



REVISTAS REFERENTES AO ANO DE 2007



REVISTAS REFERENTES AO ANO DE 2008



REVISTAS REFRENTES AO ANO DE 2009



REVISTAS REFRENTES AO ANO DE 2010



